

Problemas da autoria em Ferdinand de Saussure: do percurso intelectual à constituição da obra

Eliane Silveira¹

Israel de Sá²

Cleudemar Alves Fernandes³

Resumo

O percurso intelectual de Saussure é associado a três momentos: i) o Mémoire; ii) o(s) Curso(s) de Linguística Geral; e iii) os manuscritos. Todos eles suscitam questionamentos em torno da autoria: respectivamente o plágio, o embuste e a originalidade. Esses fatores colocam Saussure em um lugar de singularidade em torno da autoria. Assim, nos perguntamos, dado seu percurso tortuoso e a singularidade de sua obra, de que modo o fundador da Linguística Moderna se constitui autor? Para esta reflexão, nos valem da descrição e avaliação de seu percurso acadêmico/intelectual, e, de modo mais específico, das reflexões propostas por M. Foucault. Desse modo, foi possível perceber que, a despeito dos problemas que configuram seu percurso intelectual, Saussure constitui-se como autor fundador de cientificidade na medida em que sua obra é resultado da regularidade discursiva que a atravessa e funciona como o que qualifica um modo de ser dos estudos linguísticos.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure. Autoria. Obra

¹ Membro do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia e líder do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure – CNPq.

² Instituto de Letras e Linguística e Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos – CNPq.

³ Membro do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia e líder do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos – CNPq.

O percurso intelectual do linguista genebrino Ferdinand de Saussure apresenta alguns aspectos que envolvem a noção de autoria merecedores de um olhar e uma discussão que se intenta esclarecedora e, ao mesmo tempo, possa reiterar o papel e importância desse linguista na fundação da Linguística Moderna. Isto se deve, inicialmente, à marca nominal que dá singularidade a seus trabalhos (ou àqueles a ele atribuídos), bem como a diferentes operações teóricas e autorais que caracterizam seu percurso. São justamente esses traços tortuosos que nos saltam aos olhos e que nos levam a problematizar a questão da autoria em Saussure, além da problemática que envolve sua trajetória acadêmica, como veremos mais adiante. Para tanto, destacaremos três momentos em que a autoria pode ser discutida tendo em vista os impasses colocados pela obra inquietante desse linguista, seja a ele mesmo ou a seus leitores. Nossa discussão sobre autoria em Saussure, teoricamente, respalda-se nas reflexões de Foucault sobre autor, em especial na conferência pronunciada no *Collège de France*, em 1969, intitulada *O Que É um Autor?* (FOUCAULT, 1992 [1969]).

O primeiro impasse refere-se ao Saussure estudante em Leipzig, entre 1876 e 1880, que escreve e publica, naquele momento, um livro que lhe daria visibilidade, intitulado *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Contudo, recaí sobre ele a suspeita de plágio. Como se trata de uma suspeita, o nome do plagiado e o lugar dele no seio dos estudos linguísticos não é algo que ganhou relevância, não se sobrepõe e nem ameaça a referência ao nome de Saussure nesse lugar de autoria. O segundo remonta ao Saussure professor em Genebra, quando, no início do século XX, profere cursos que dão o mote para o seu famoso livro póstumo, editado a partir dos cadernos de seus alunos. Incide sobre o livro a suspeita de embuste. Enquanto estudante, portanto, houve a hipótese de que Saussure se apropriou, sem referência, de ideias que eram de outros autores. Como professor, se supôs que os alunos não transpuseram devidamente as ideias de Saussure para o livro publicado. Se há o embuste, isto não elimina o fato de que o professor Ferdinand de Saussure existiu e que as aulas foram por ele ministradas. E somente por isso o *Cours de Linguistique Générale* foi possível, o que, a exemplo de Freud na psicanálise, construiu uma referência irrefutável a Saussure na linguística. E, em terceiro lugar, há a hipótese de que as ideias de Saussure, de fato, se encontrariam apenas nos seus manuscritos, inéditos em sua maioria, cujos acessos se iniciaram apenas posteriormente à sua morte. Nesse caso, atestasse a busca de um suposto verdadeiro Saussure, mas essa busca deve-se à sua existência enquanto autor caracterizado como o fundador de cientificidade; com menos rigor, referido como o *pai da Linguística Moderna*. Se assim não o fosse, não haveria interesse pela

investigação desse intrigante Saussure. Observamos, portanto, três questões interessantes que nos permitem elevar Saussure a um caso particular para a noção de autoria. Em um primeiro momento está posta a questão da originalidade das ideias apresentadas no livro que escreveu e publicou em seu nome – um problema da ordem da apropriação e do jurídico; no segundo momento, a suposta falta de identidade entre as suas ideias e o livro redigido por dois dos seus alunos e publicado em seu nome – o nome do autor, bem como a relação de atribuição; e, no terceiro, de ter escrito cada ideia que tinha ao longo dos seus dias embora não as tenha publicado – a relação entre a escrita e a publicação, bem como a pluralidade temática dos escritos.

Em princípio, parece que para ser autor é necessário, portanto, ter uma ideia original, escrevê-la e publicá-la; por outro lado, a partir das discussões foucaultianas a respeito da autoria, observa-se que ela está intrinsecamente associada à obra: não há autor sem obra e não há obra sem autor (FOUCAULT, [1969] 1992). O percurso de Saussure mostra que em nenhum dos três momentos ele cumpriu efetivamente aqueles primeiros três requisitos de maneira incontestada, o que, minimamente, instala um desconforto para ele, inicialmente, e para seus leitores, mais tarde. Esse desconforto é agravado quando se sabe, atualmente, que a ele é concedido o estatuto de fundador de uma área, a Linguística Moderna, a partir da sua produção tal qual a apresentamos aqui, essa mesma que o coloca em questão como autor. Em torno de seu percurso, em vida e póstumo, contudo, instituiu-se uma obra, esta que justamente permite a emergência de uma nova ciência e põe luz sobre seu nome.

Como anunciamos, nossa reflexão encontra respaldo em Foucault (1992 [1969]), que problematiza a relação autor/obra, faz importantes considerações sobre a construção e o funcionamento do nome de autor, e assevera, conceitualmente, a morte do autor. Trata-se de uma concepção de autor que o dissocia do indivíduo empírico e o atesta como constituído por funcionamentos discursivos. Nesse pensamento, a linguagem é considerada como exterior ao sujeito e possibilita sua inserção no discurso, e Foucault questiona sobre as condições, as formas e funções que fazem um sujeito aparecer na ordem dos discursos; o que nos leva a direcionar esse questionamento a Saussure na discursividade de fundação da Linguística Moderna; mesmo porque, como assegura Foucault, o sujeito da escrita, pela abertura de um espaço produzido pela obra, está sempre a desaparecer. Desaparecem, assim, os sujeitos empíricos da escrita em prol do aparecimento de um nome de autor, um substantivo próprio, que funciona como o que qualifica um modo de ser do discurso. Se o

autor se constitui em relação à obra, desse princípio partimos para problematizar o “Saussure autor”, uma vez que, enquanto legado que lhe é conferido por seu nome, o linguista constitui obra relevante. Temos Saussure como uma presença forte, irrefutável na Linguística. Essa presença é o que sustenta a independência da língua como um objeto suficiente para a existência de uma ciência.

Feitas essas considerações iniciais, propomo-nos, neste trabalho, a delinear esse percurso que transforma Saussure em um caso bastante particular para a questão de autoria. Para que o leitor se situe nessas três diatribes de autoria que cercam a produção saussuriana, iremos apresentá-las com os detalhes que a história tem nos legado e esse espaço nos permite. Juntamente com a exposição de cada momento, traçaremos uma reflexão sobre a autoria e a função autor tendo como referência os trabalhos de Michel Foucault, em especial a assertiva que refere o nome de autor como um substantivo próprio que se dissocia do sujeito empírico e caracteriza/qualifica um modo de ser do discurso, e também à afirmação de que o autor organiza um conjunto de vozes, dá os nós de coerência ao texto. Esta, bastante instigante no caso de Saussure, que não escreveu o próprio texto do *CLG*, se redobra àquela, porque o professor Saussure existiu, ministrou aulas, seus alunos *escreveram-nas*, e seu nome assina uma obra que atesta parâmetros de cientificidade que dão sustentação à linguística. Por fim, em termos de considerações finais, voltaremos aos trabalhos de/ou atribuídos a Saussure para amarrar e refletir sobre sua posição autor.

A formação

Em 1903, Saussure escreve o que hoje nós identificaríamos como um memorial acadêmico, desses que são apresentados em concursos, mas – no caso desse manuscrito de Saussure – trata-se de uma versão bastante inicial, com muitas rasuras e lacunas, além de digressões constantes. Esse manuscrito encontra-se na Biblioteca Pública de Genebra com o nome de *Récit autobiographique de sa jeunesse et de ses études*⁴ e contém 20 folhas escritas por Saussure.

Entre tantas informações instigantes sobre a constituição intelectual de Saussure como linguista, destacaremos apenas uma que interessa para delinear esse caso de autoria. Trata-se da difícil questão sobre a originalidade, no que concerne à descoberta da

⁴ Esse documento é mais conhecido como *Souvenirs*, como o chamaremos neste artigo.

passagem de uma nasal sonora a uma vogal, exposta no *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Joseph (2012) dá a dimensão do acontecimento em 1878 e do seu relato, por Saussure, em 1903:

[...] Saussure makes plain why he was writing his reminiscences. For years he had endured implicit accusations that his *Mémoire* had used ideas heard in lectures at the University of Leipzig, without acknowledging their sources. These accusations haunted him for the rest of his life, and not just for the aspersions they cast on his academic honesty. They were bound up, in his mind at least, with how the German linguistics establishment, almost to a man, rejected or ignored his proposed system⁵ (JOSEPH, 2012, p. 129).

A discussão sobre autor(ia) arrolada por Foucault indica um princípio ético e jurídico, perpassado por um preceito valorativo do que se pode falar e/ou escrever em uma dada época, em determinado momento na história e lugar social, e também em relação à autenticidade do que se escreve, o que coloca casos de plágio em depreciação, e até mesmo ameaça ao “nome” do autor. Não obstante, lemos em Foucault que “o nome do autor não transita, como o nome próprio, do interior de um discurso para o indivíduo real e exterior que o produziu, [...] manifesta a instauração de certo conjunto de discursos [...] no interior de uma sociedade e de uma cultura” (FOUCAULT, 1992 [1969], p. 45-46). Essa afirmação é reiterada por Foucault (2004 [1970], p. 26), quando (re)apresenta o autor dissociado do indivíduo que escreveu o texto e o considera como um “princípio de agrupamento do discurso”. Esta aparente contradição nas afirmações foucaultianas se desfaz quando avançamos a leitura e vemos que o autor, em sua perspectiva, é correlato ao sujeito discursivo; ou seja, é constituído por um conjunto de vozes históricas, sociais, exteriores a ele. Assim, todo sujeito, no exercício da autoria, reúne um conjunto de vozes exteriores a ele para dar os nós de coerência ao texto, o que não o isenta das determinações éticas jurídicas. Antes, e até mesmo para avançarmos nesta questão no que se refere a Saussure, voltemos à exposição do percurso de sua formação.

Situaremos, portanto, alguns dos momentos em que Saussure se refere a sua formação em Leipzig, a relação com os professores, a escrita da sua monografia de final de

⁵ “[...] Saussure esclarece porque escreve as suas reminiscências. Durante anos ele suportou acusações implícitas sobre a utilização, no *Mémoire*, de ideias advindas de aulas ministradas na Universidade de Leipzig, sem explicitar as suas fontes. Tais acusações o assombraram pelo resto de sua vida para além das calúnias que difamaram sua vida académica. Elas estão ligadas, para ele pelo menos, com a forma como a linguística alemã, não somente um homem, rejeitou ou ignorou seu sistema proposto” (tradução nossa).

curso, o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*⁶, a publicação da mesma e a hipótese de que algumas ideias ali não seriam originalmente de sua autoria.

Saussure narra que vai para Leipzig aos dezenove anos, centro alemão de estudos linguísticos, depois de desistir do curso universitário de química e física em Genebra e decidir-se pela linguística como área de estudo. Entre 1876 e 1880 ele aí permanece. Em julho de 1877 inicia a escrita da sua monografia. Assim que chegou, ele procurou Hubschmann e seguiu as suas aulas de persa antigo; as de irlandês antigo com Windsch; de história da língua alemã com Braune; e de eslavo e lituano com Leskien, o primeiro defensor das leis fonéticas cegas, tese dos neogramáticos, mais conhecida por meio do manifesto de Orsthoff e Brugmann, professores em Leipzig, e dos quais Saussure afirma ter seguido duas aulas do primeiro e nenhuma do segundo.

Enfim, era um momento importante para a Gramática Comparada, que daria um passo fundamental ao rever alguns dos seus princípios, e o jovem Saussure estava no meio desse terremoto epistemológico, embora, a priori, não pertencesse a essa tradição e nem estivesse engajado diretamente com o movimento dos neogramáticos.

No *Souvenirs*, Saussure conta que ao interessar-se pelo curso de Hubschmann, que seria “privadíssimo”, nas suas palavras, dirigiu-se à casa do professor alemão para apresentar-se a ele que, nessa ocasião, começa a lhe falar da linguística indo-europeia e pergunta a Saussure se ele havia lido o artigo – publicado naquelas férias – de Brugman, sobre as nasais sonoras. Saussure ignorava inclusive o nome de Brugman até aquele momento, e Hubschmann então lhe diz que há algumas semanas havia uma grande agitação em torno da questão de saber se certos α gregos não vinham de n , ou se certos n não produziram o α . Saussure lembra que “quase não acreditava no que ouvia na sua primeira entrevista com um intelectual alemão”:

⁶ Doravante apenas *Mémoire*.

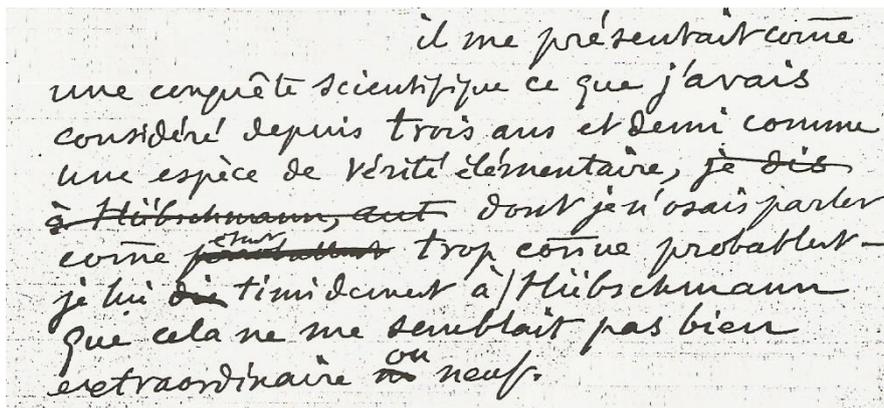


Figura 1: Manuscrito de Saussure, folha 117.

Ao começar a escrever o seu *Mémoire*, no ano seguinte, a questão da nasal sonora retorna e ele encontra uma dolorosa solução para lidar com a questão de que tem prioridade sobre a ideia, necessária para a análise então proposta, que ele sempre soube, mas que é atribuída a dois professores:

On ne trouvera dans mon Mémoire sur les voyelles aucune trace (à part une note dont je parlerai) de ma connaissance antérieure à Brugmann de la nasale sonante. Pourquoi aurais-je soulevé cette singulière question, qui n'était pas même une question de priorité possible? Par un singulier hasard j'étais, en 1876 déjà, venu quelques semaines trop tard sans songer à m'en fâcher; mais écrivant en 1878, ce n'était plus le moment décidément de revendiquer une priorité non réclamée au premier moment. Qu'on remarque bien que je ne la réclame pas même maintenant, si ce n'est pour affirmer qu'intellectuellement, ce qui est sans intérêt pour le public, je n'ai eu à dépendre de personne pour la nasale sonante. J'ai fait plus dans le Mémoire sur les Voyelles, et je me rappelle l'avoir fait avec une sorte de déchirement qui est le meilleur commentaire des circonstances où j'écrivais. J'ai dit: grâce aux travaux de M(M).Brugmann et Osthoff nous connaissons *n* et *r*, sachant fort bien que je n'avais pas eu besoin personnellement de Brugmann ni d'Osthoff. [...] puisque en fait je ne saurais faire valoir aucune date imprimée, et que je reconnais en conscience le principe de la date imprimée. [...] J'ai toujours, par devers moi, considéré mon Mémoire comme composé de deux parties, exactement aussi originales l'une que l'autre, à part le seul fait de l'identification de *or* latin avec *r* (ce qui fut aussi une des raisons de rapporter encore plus pleinement à Brugmann et Osthoff tout mérite)⁸ (SAUSSURE *apud* GODEL, 1960, p. 15).

⁷ “ele me apresentava como pesquisa científica isso que eu tinha considerado, após três anos e meio, uma espécie de verdade elementar, eu disse a Hubschmann, aut da qual não me atrevi a falar como provavelmente muito conhecida provavelmente, eu lhe disse timidamente a Hubschmann que isso não me parecia nem bem extraordinário, nem ou novo” (transcrição e tradução nossa).

⁸ “Você não vai encontrar em meu *Mémoire* sobre as vogais nenhum vestígio (exceto uma nota da qual eu falarei) do meu conhecimento anterior a Brugmann sobre a nasal sonora. Por que eu teria levantado esta singular questão que não era sequer uma questão de prioridade possível? Por uma estranha coincidência eu tinha, já em 1876, chegado algumas semanas mais tarde, sem nem pensar em me irritar; mas escrevendo em

A longa citação se justifica para que o leitor, pelas contundentes palavras do próprio Saussure, possa acolher o drama de autoria que se coloca ao jovem estudante. A observação de Godel a esse respeito dá essa dimensão:

La déception qu'éprouva Saussure à l'occasion de la nasale sonante a été profonde: vingt-cinq ans après la publication du *Mémoire*, en 1903, il se rapelle avec quelle sorte de déchirement il dut se résoudre à faire hommage de cette découverte à Brugmann [...] (GODEL, 1960, p. 13)⁹.

E, como indica a afirmação anterior de Joseph, mesmo que Saussure tenha sentido naquele momento a indistinção que pairava sobre a originalidade da ideia e tenha tomado as precauções que achou pertinentes, nada disso foi suficiente para que ele se livrasse das acusações implícitas de plágio que relegaram ao seu *Mémoire* o limbo em Leipzig. Note-se que Saussure investira muito nesse trabalho, afinal ele foi publicado em seguida à sua redação e a expensas da própria família. Depois disso, apesar de muito trabalho, ele jamais publicaria outro livro; somente alguns pequenos artigos foram publicados como obrigação da sua posição frente à Sociedade Francesa de Linguística.

No que concerne à problemática da autoria, e principalmente ao nome de autor como o que qualifica o modo de ser de um discurso, não é o *Mémoire* que consagra a Saussure o nome de fundador da Linguística Moderna, o que caberá à sua obra póstuma, o CLG. Desse funcionamento de nome de autor na relação com a exterioridade a ele, vemos Saussure abatido pelas acusações éticas que o pesam e o inibem, de certa forma o anulam no desempenho da autoria, compreendida como aquele que reúne um conjunto de vozes e dá os nós de coerência ao texto. Sob os preceitos éticos, no campo científico e institucional, não se pode escrever e publicar como próprias as descobertas de outros pesquisadores. O problema parece-nos situar-se no fato de que, para Saussure, o que se

1878, definitivamente não era o momento de reivindicar a prioridade não reclamada no primeiro momento. Observe que, eu não a reclamo mesmo agora, é apenas para afirmar intelectualmente, o que não interessa ao público, que eu não tenho que depender de ninguém para nasal sonora. Fiz mais no meu *Mémoire* sobre as vogais, e eu me lembro de ter feito com uma espécie de dilaceramento que é o melhor comentário sobre as circunstâncias nas quais eu escrevi. Eu disse: graças aos trabalhos dos senhores Brugmann e Osthoff nós conhecemos o *ŋ* e o *r* sabendo muito bem que eu não tinha nenhuma necessidade pessoal nem de Brugmann nem de Osthoff. [...] de fato, eu não posso discutir nenhuma data impressa, e eu reconheço conscientemente o princípio da data impressa. Eu sempre considerei, para mim mesmo, o meu *Mémoire* como composto de duas partes, exatamente tão original uma quanto a outra, exceto o simples fato de a identificação *or* latino com *r* (que foi também uma das razões para reportar mais plenamente a Brugmann e Osthoff qualquer mérito)” (tradução nossa).

⁹“A decepção que sofre Saussure na ocasião do embate sobre a nasal sonora foi profunda: vinte e cinco anos após a publicação do *Mémoire*, em 1903, ele se lembra com que pesar teve que fazer uma homenagem a esta descoberta de Brugman [...]” (tradução nossa).

apresenta como uma descoberta de Brugman tratava-se, ao menos para ele, de uma obviedade.

De qualquer forma, a singularidade da autoria em Saussure coloca-nos, com Foucault, diante de alguns questionamentos que nos são caros, dos quais destacamos: o nome do autor é condição necessária para a constituição de uma obra? É a relação jurídica entre o indivíduo e sua escrita que delimita a autoria? Foucault, então, ao abordar a questão, mostra que

o nome do autor não está situado no estado civil dos homens nem na ficção da obra, mas sim na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e seu modo de ser singular. Poderíamos dizer, por conseguinte, que, numa civilização como a nossa, uma certa quantidade de discursos são providos da função ‘autor’, ao passo que outros são dela desprovidos (FOUCAULT, 1992, [1969], p. 46).

Há então uma impossibilidade de tratar o autor, em especial Saussure, como uma descrição definida, como um nome próprio comum e como atribuição clara ao indivíduo. Quando se refere a “autor”, Foucault (1992 [1969], p. 46) o caracteriza como uma “função”, que é “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”. Sob esse aspecto, o Saussure do *Mémoire* ainda não se caracterizaria como autor; mesmo porque as refutações a esse texto encontrariam sustentação na compreensão de autor, em se tratando de discurso, “como unidade e origem de suas significações” (FOUCAULT, 2004 [1970], p. 26). Todavia, a função autor se caracteriza por uma complexidade de aspectos que vão além desse destaque.

Resumi-los-ei assim: a função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; ela não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso a seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários “eus”, em simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar (FOUCAULT, [1969] 1992, p. 56-57).

Portanto, o nome de autor, dissociado do indivíduo empírico, não é senão um índice de agrupamento, que constrói na dispersão sua produção discursiva. Nesse sentido, a função autor define-se por relação ou com uma obra, ou, de modo mais amplo, com uma discursividade, o que será atribuído com ênfase ao Saussure do CLG.

Ademais, como assinalamos na introdução, o nome do plagiado e o lugar dele no seio dos estudos linguísticos não é algo que ganhou relevância, não se sobrepõe e nem ameaça a referência ao nome de Saussure nesse lugar de autoria na Linguística. Vejamos nos tópicos seguintes a construção do Saussure autor e fundador de cientificidade – a Linguística Moderna.

A docência

Saussure tem um longo percurso após o seu *Mémoire*. Mesmo sob a frustração quanto à autoria, mantém-se firme nas investigações sobre a língua(gem). No início de 1880, faz a sua tese, ainda em Leipzig, sobre o emprego do genitivo absoluto em sânscrito, volta imediatamente a Genebra, dedica-se às pesquisas sobre as lendas germânicas, viaja à Lituânia em busca de dados dessa língua; ainda nesse ano, o jovem de 24 anos decide-se a continuar os seus estudos em Paris, onde, no ano seguinte, se tornaria professor de gótico e alemão antigo, e passa dez anos profícuos de grande diálogo com Bréal, Meillet e Havet, entre outros, que se finaliza quando do seu retorno, em 1891, à terra natal para casar-se e assumir uma cadeira na Universidade de Genebra, onde permanecerá até a sua morte. A vida intelectual de Saussure, no entanto, se modifica muito, o que, em termos foucaultianos sobre autor, caracteriza uma pluralidade de “eus” no discurso. Em Genebra, não há a hostilidade de Leipzig, tampouco o terreno fértil de Paris. De Mauro assim descreve, sucintamente, as atividades do professor genebrino entre 1891 e 1913, ano de sua morte:

Des raisons avant tout pédagogiques ont détourné Saussure des thèmes plus techniques abordés, à Paris, devant un auditoire de niveau plus élevé. Ce n'est qu'à partir de 1897, alors que commence à se créer à Genève même un groupe de fidèles d'une haute qualité, que les cours se font plus spécifiques, plus variés et plus denses. C'est précisément en 1897 que Bally demande à Saussure de faire le premier cours de gotique, et il lui demande quatre ans plus tard de faire un cours de lituanien. Les élèves son très peu nombreux: Bally, parmi les plus fidèles, suit les cours de 1893 à 1906; une année durant l'unique élève de sanscrit est Duchosal; le premier cours de gotique est fréquenté, outre par Bally, par Tojetti et Duchosal; les autres fidèles sont A. Sechehayé, qui fréquente les cours de 1891 à 1893, et V. Tojetti, qui fréquente les premiers cours et ensuite ceux de gotique. Dans les dernières années, L.Gautier, A.Riedlinger, P.F. Regard sont également assidus. Les rares manuscrits conservés [...] montrent quel soin minutieux il mettait dans son enseignement de

Genève, malgré la différences initiale evidente ‘entre ses auditoires de Paris et ceux de Genève’¹⁰ (DE MAURO, 1974, p. 344).

Em aproximadamente três décadas, Saussure trabalhou com uma sequência de disciplinas bastante representativas do conjunto dos estudos da linguagem praticados no século XIX, e, quando, aos cinquenta anos, o experiente professor se propõe a dar o curso de linguística geral, tanto ele quanto o seu público exibem uma maturidade e uma sintonia de interesses que foi construída lentamente, na pacata Genebra, longe dos centros intelectuais europeus. Essa conjunção de interesses entre um grupo pequeno e constante é esclarecedora do que acontece após a morte de Saussure, e que, inclusive, o eleva ao nome de autor fundador de cientificidade. O professor atende às demandas do grupo que reconhece nele um intelectual que tem muito a ensinar sobre o que já se sabe nos estudos da linguagem, mas que também tem suas próprias elaborações. Bally, por exemplo, é aluno de Saussure de 1893 a 1906, e pela extensa correspondência entre os dois, mesmo após 1906, sabemos que a relação entre aluno e professor evolui para uma relação intelectual menos assimétrica. Dessa maneira, era esperado que após a morte prematura de Saussure, em fevereiro de 1913, alguns desses alunos, especialmente Bally, pensassem em publicar as ideias do linguista genebrino:

The *Cours*(or *CLG*) does not contain Saussure’s ‘actual words’ but a subsequent digest of three courses (based on lecture notes kept by a few conscientious students) and of certain handwritten observations which testify to a longstanding reflection on the ‘essence’ of linguistics. Saussure had always said that he would never publish any of these reflections. Without the bold and assiduous determination of Bally and Sechehayé, Saussure’s thought would probably have never reached the reading public [...] ¹¹ (ENGLER, 2004, p. 45).

A organização, em termos de elaboração textual, e a publicação do *Cours de Linguistique Générale* consistem em uma particularidade à questão da autoria em geral, e,

¹⁰ “Razões eminentemente pedagógicas desviaram Saussure de temas mais técnicos abordados, em Paris, diante de um público de nível mais elevado. É apenas a partir de 1897, quando começa a ser criado em Genebra um grupo constante e de alta qualidade, que os cursos tornam-se mais específicos, mais variados e mais densos. É precisamente em 1897 que Bally pede a Saussure que ofereça o primeiro curso de gótico, e quatro anos mais tarde que ofereça um curso de lituano. São poucos alunos: Bally, entre os mais fiéis, segue os cursos de 1903 a 1906; durante um ano, o único aluno de sânscrito é Duchosal; o primeiro curso de gótico é frequentado por Bally, Tojetti e Duchosal; os outros frequentadores constantes são A. Sechehayé, que frequenta os cursos de 1891 a 1903, e Tojetti, que frequenta os primeiros cursos e em seguida os de gótico. Nos últimos anos, Gaultier, Riedlinger e Regard são igualmente assíduos. Os raros manuscritos conservados [...] mostram o cuidado com o qual ele tratava o seu ensino em Genebra, apesar da diferença inicial evidente entre o público de Paris e o de Genebra” (tradução nossa).

¹¹ “O *Cours* (ou *CLG*) não contém, de fato, as ‘palavras reais’ de Saussure, mas um resumo posterior de três cursos (com base em notas de aula mantidas por alguns estudantes) e de certas observações manuscritas por Saussure que atestam uma longa reflexão sobre a “essência” da linguística. Saussure sempre disse que nunca iria publicar qualquer uma destas reflexões. Sem a determinação arrojada e assídua de Bally e Sechehayé, o pensamento de Saussure nunca teria, provavelmente, chegado à leitura do público [...]” (tradução nossa).

particularmente, ao nome do autor Saussure e seu funcionamento na Linguística. A publicação foi pensada por Bally em conjunto com Marie de Saussure – a viúva –, Meillet – seu contemporâneo na *École des Hautes Études* e seu confidente intelectual – e teve também a participação de Sechehaye. A partir de alguns encontros e muitas cartas entre eles, ainda no primeiro semestre de 1913, a publicação ficou combinada já que, segundo o próprio Meillet, no ano da morte do genebrino,

Of the reflection on general linguistics which took up a great part of [Saussure's] last years, nothing has been published. Saussure's greatest wish was to distinguish two ways of approaching linguistic facts: by studying language at a given moment, and by studying linguistic development in time. Only the students who followed Saussure's courses in Geneva have so far had the benefit of this thinking; only they know the exact formulations and the well-chosen images he used to throw light on a new subject¹² (MEILLET *apud* ENGLER, 2004, p. 29).

Essa história é contada por Engler (2004) no artigo com o sugestivo título “The making of the Cours de Linguistique Générale”, no qual o respeitado estudioso da produção saussuriana e catalogador de uma grande parte de seus manuscritos detalha, por meio de numerosas cartas documentais, todos os encontros e acordos que levaram à edição do CLG.

É importante notar que o ambiente intelectual no qual Saussure produz gera efeitos sobre o seu trabalho. Mais do que isso, ele tem com os seus contemporâneos uma interlocução intensa e precisa. Lembremos de Meillet, na França; Whitney, nos Estados Unidos, e mesmo Orsthoft e Brugman, na Alemanha. A seu modo, Saussure os considerou na sua produção. Fez do primeiro, por meio de inúmeras cartas, um interlocutor constante a respeito das ideias que tinha nas longas décadas de escrita em Genebra; ele era o avalista de suas hipóteses sobre os anagramas, o confessor da sua profunda insatisfação com a terminologia em linguística e sua inoperância teórica e aquele que a família e alguns colegas elegeram como o primeiro a ser consultado sobre uma publicação das inovadoras ideias de Saussure ainda inéditas. O segundo teve suas teorias retomadas por Saussure, acolhidas, criticadas e ampliadas em diversas ocasiões; o caso clássico é o caráter social da linguagem, presente no CLG, mas os seus manuscritos dão muitas evidências dessa interlocução. Os

¹² “Da reflexão sobre linguística geral, que [Saussure] teve nos últimos anos, nada foi publicado. O maior desejo de Saussure era distinguir duas maneiras de abordar fatos linguísticos: por estudar a linguagem em um dado momento, e estudando desenvolvimento linguístico no tempo. Apenas os alunos que frequentaram cursos de Saussure em Genebra, até então, tinham a oportunidade de conhecer este pensamento, só eles conheciam as formulações exatas e as imagens bem escolhidas que ele usou para lançar luz sobre um novo assunto” (tradução nossa).

terceiros são bons representantes daqueles que deram os fundamentos da prática teórica de Saussure, o comparatismo, mas também a perspectiva crítica deste que, para os alemães, culminou no movimento neogramático, e para Saussure na Linguística Geral. Assim, a produção de Saussure, que culmina na publicação do CLG, deve ser vista intimamente relacionada com a produção dos seus contemporâneos, embora ele tenha conseguido dar uma resposta às questões do seu tempo que ultrapassa a dos linguistas do seu tempo. Reside nesse percurso uma pluralidade de vozes constitutivas do pesquisador e professor Ferdinand de Saussure, ao que, em se tratando de autoria, o nome de autor caracteriza um discurso que o porta; e há, nesse discurso, uma pluralidade de “eus”, diferentes posições sujeitos. É importante observar que o nome de autor é construído posteriormente à escrita – e é exterior a ela.

Como assevera Foucault (1992 [1969], p. 45), o nome de autor caracteriza certo modo de ser do discurso, dissociando-o do cotidiano: “trata-se de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber certo estatuto”. Ainda, na mesma página, Foucault afirma: “o nome de autor [...] bordejando os textos, recortando-os, delimitando-os, tornando-lhes manifesto o seu modo de ser”.

O autor funciona, pois, como “individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia”, caracterizando, assim, certo modo de ser do discurso.

A escrita

A escrita tem uma relação muito direta com a autoria, parece mesmo ser condição para a existência do autor. No caso de Saussure, essa regra, em momento decisivo para sua afirmação como autor fundador de cientificidade, como fundador da Linguística Moderna, é quebrada. Vejamos, contudo, seu percurso de escrita.

Por volta de 1874 Saussure escrevia o seu primeiro manuscrito de linguística, tratava-se do *Essai pour réduire les mots du Grec, du Latin & de l'Allemand à un petit nombre de racines*. O ambicioso rapaz sofreu o seu primeiro revés no longo percurso que trilhou como pesquisador da linguagem, ele que escreveria por mais quatro décadas, mas nesse momento recebeu de Pictet uma avaliação negativa sobre a sua reflexão. Durante os anos seguintes,

prosseguiu seus estudos sem voltar a dedicar-se ao tema, mas quando estava em condições de decidir-se por uma formação universitária, não hesitou em estudar em Leipzig, centro alemão de formação de linguistas. A partir daí dedicou-se à escrita do *Mémoire*, que seria a única publicação de uma reflexão sua de grande fôlego, o que lhe rendeu críticas e acusações, conforme apontamos. Desde então voltou-se à prática anterior de escrever e estabelecer como leitor os seus amigos e/ou especialistas, a quem pedia a opinião rigorosa sobre o conteúdo, mas não fez mais nenhum esforço para publicar. Negou-se a entregar qualquer material a um editor, apesar das demandas dos seus leitores e da escrita contínua entre 1880, aproximadamente, e a data da sua morte, em 1913. As décadas de escrita, à pena e em papéis variados, resultaram em milhares de folhas escritas arquivadas, depois da sua morte, em duas bibliotecas, uma no velho mundo, na sua cidade natal, a Biblioteca Pública de Genebra, e outra no novo mundo, em um centro de pesquisa respeitado mundialmente, a Biblioteca de Harvard, nos Estados Unidos.

O leitor do século XXI surpreender-se-ia com a variedade de temas tratados por Saussure ao longo dessas folhas manuscritas. O genebrino dedicou-se, com afincio, a centenas de páginas à língua Lituana; a dezenas de cadernos aos anagramas que encontrava na poesia grega e latina; a milhares de folhas à linguística geral; e ainda havia outras centenas de folhas sobre a fonética; folhas esparsas com aspecto de preparação de aulas, de conferências, etc. Esse material, apesar de não publicado, constitui objeto de interesse acadêmico de pesquisadores atuais e possibilita descobertas e avanços nos estudos linguísticos; e ainda atesta a pluralidade de “eus” constitutivos do Saussure autor. Além disso, o genebrino escreveu numerosas cartas a muitos de seus colegas tratando especificamente dos seus temas de pesquisa. Esse arsenal de manuscritos chegou ao público de maneira bastante lenta e gradual, após a sua morte. Assim, o professor de Linguística do século XIX deixa um legado próprio do seu tempo – sem as especialidades que o futuro traria à área – e ao mesmo tempo uma espécie de caixa de pandora de onde sairiam todos os males da linguística, ou seja, todas as dúvidas, as imprecisões terminológicas, as críticas, as hipóteses que seriam tratadas naquelas folhas de maneira obstinada. Ao mesmo tempo restariam as dúvidas a respeito da datação de muitos manuscritos, da sequência das folhas, da unidade de um documento e, além disso, colocaria uma questão ética ao destino a ser dado aos manuscritos do linguista que, ele mesmo, negou à publicação.

A pluralidade desse material e seus efeitos no rol das investigações linguísticas mostram o nome de Saussure como o que qualifica um modo de ser do discurso. No entanto, considerando a radicalidade dessas duas primeiras suposições, Saussure não teria autoria nenhuma a ser reclamada. Além disso, aquilo que tem seus traços foi, de algum modo, considerado de outro, jamais seu. Ou seja, Saussure não é autor ou porque as ideias não são suas, ou porque não escreveu, ou porque não publicou. Por contraste, teríamos que um autor deve ter ideias, ele mesmo deve escrevê-las e publicá-las, sem essas três premissas não haveria um autor. Não necessariamente, e nossa reflexão vem apontando que o nome de Saussure como autor suplanta todas essas premissas, tanto é certo que, reiteramos, é o fundador da Linguística Moderna, é referência incontestada para a formação de um linguista e para as pesquisas em Linguística. É preciso considerar que essas discussões sobre a autoria de Saussure cobrem um século. Iniciam-se no século XIX e prosseguem pelo XXI mudando de feições.

Entre os aspectos que Foucault atribui à função autor, o que institui efetivamente a discursividade possibilita-nos compreender, num primeiro momento, a singularidade e, por consequência, a descontinuidade da obra saussuriana que se manifesta de modo mais explícito nos manuscritos – que vão se tornando emblemáticos à medida que se estabelecem novas descobertas. O autor, pela não configuração como indivíduo, efetiva-se frequentemente em “vários eus”, como atesta Foucault; ou seja, em diferentes posições discursivas que possibilitam, conseqüentemente, diferentes configurações, agrupamentos discursivos. Foucault mostra que isto pode se caracterizar num mesmo escrito (num livro, por exemplo, o prefácio, a orelha, o texto e o posfácio configuram diferentes “eus”); mas, de outro modo, isto pode se configurar na constituição da obra: da reflexão sobre as vogais indo-europeias ao estudo dos anagramas, da teoria do valor à abordagem diacrônica, há aí a configuração da autoria, que jamais se resume à unicidade, mas que também jamais se configura como disparidade. Há, ainda, a particularidade de seu tempo, cuja multiplicidade de entradas temáticas e teóricas é evidente – e isto perpassa Saussure, Humboldt, Meillet, Bally, etc.

Em se tratando de sua obra mais referenciada nos estudos linguísticos, o *Cours de Linguistique Générale*, não escrita por ele, é preciso considerar que não se nega que as aulas foram ministradas por Saussure. Ele quem ministrou as aulas e, em princípio, foi ele que levou ao conhecimento dos alunos as ideias ali apresentadas, o que se configurou como condição para a existência do livro.

Ponderações conclusivas

A fundação de uma cientificidade pode não ser algo inaugural, como, de certa forma, ocorre com Saussure; mas a fundação da Linguística Moderna deve-se a ele sob alguns aspectos: a) Saussure atesta a independência da língua como um objeto de uma ciência específica; b) enfatiza a sincronia, ou a linguística sincrônica, o que implica um corte e um delineamento em relação aos estudos linguísticos então vigentes; c) em síntese, apresenta, de forma irrefutável, os parâmetros de cientificidade para a Linguística, que são referências incontestáveis. Há ainda, nos três momentos/impasses, no material próprio a cada um, uma “pluralidade de eus” constitutivos da função autor.

As reflexões arroladas sobre o autor por Michel Foucault, às quais recorreremos, revelam que “na ordem do discurso, se pode ser autor de mais do que um livro – de uma teoria, de uma tradição, de uma disciplina, no interior das quais outros livros e outros autores vão poder, por sua vez, tomar lugar” (FOUCAULT, 1992 [1969], p. 57). A esses autores que produziram a possibilidade de formação de outros textos, Foucault denomina fundadores de cientificidade, e justamente este o lugar ocupado por Ferdinand de Saussure na Linguística, aquele cuja obra possibilita, provoca, instiga a produção de outras obras; que faz com que outras falem dele, quiçá, indefinidamente.

A (não) relação entre autor e pessoa proposta por Foucault vai ao encontro das teses propostas pela Análise do Discurso de linha francesa, ou seja, da não coincidência entre o indivíduo (o sujeito empírico) e o sujeito do discurso, que é uma posição, um efeito. A noção de autor, para Foucault, como ele próprio aponta e reiteramos, é discursiva uma vez que o autor se constitui por um conjunto de discursos exteriores a ele. O movimento de Saussure em suas inquietantes investigações comprova esta afirmação. Quando se afirma, então, que a autoria é uma função, esta se dá no âmbito do discurso.

O próprio Foucault, ao tratar dos fundadores/instauradores de discursividade, coloca Saussure numa posição “transdiscursiva”, a daqueles que fundam uma cientificidade. Na diferença em relação aos “instauradores de discursividade” que, quando suas obras são reexaminadas – seja a partir da descoberta de um texto inédito ou de manuscritos perdidos –, é provocada uma transformação no saber¹³, os fundadores de cientificidade, por sua vez, inibem a transformação do saber – o objeto da linguística, a língua, permanece a despeito

¹³ Foucault (1992) dá como exemplos claros desse paradigma Freud e Marx – o reexame de suas obras prova transformações, abalos tanto na psicanálise quanto no marxismo.

da descoberta dos manuscritos póstumos de Saussure e de todos os “avanços” promovidos ao longo de um século. Após o CLG, nenhum linguista precisou defender a construção da linguística como ciência, nem a especificidade do objeto desse campo científico. As bases edificadoras dessa ciência se respaldam, até hoje, em Saussure.

Ora, mas Saussure inscreve-se nessa posição “transdiscursiva” durante todo o seu percurso teórico/acadêmico? Certamente não! E isto está claro especificamente em seu trabalho das vogais do indo-europeu, bem como em seus estudos sobre os anagramas, por exemplo. Deixando de lado a problemática do plágio, o *Mémoire* inscreve-se numa linha de pensamento consolidada ao longo do século XIX: mais que ruptura, configura-se aí um movimento próprio de continuidade de saber. Além do mais, se pensarmos os deslocamentos do sujeito empírico para o sujeito discursivo na configuração da autoria, está rompida a barreira da origem: o sujeito discursivo não se constitui como fonte do dizer, ao contrário, constitui-se historicamente como agrupamento discursivo.

Se a função autor pode esbarrar no sistema jurídico da época, o que abre a brecha para a discussão em torno do plágio, ela, por sua vez, também desliza para a condição que o autor assume como agrupamento de discursos. O projeto comparatista era dominante no século XIX e o estudo em torno das vogais indo-europeias era bastante profícuo em diversos centros de estudos linguísticos europeus. Saussure, nesse movimento teórico analítico, desenvolve pesquisas que o levam a Leipzig, e seus encontros com diversos pesquisadores fortalecem suas proposições. Se considerarmos que os dizeres se efetivam nas relações interdiscursivas, a relação de apropriação torna-se frágil: não é possível, por exemplo, encontrar no *Mémoire* “o roubo de palavras” (SCHNEIDER, 1990), a tomada de uma ideia amplamente divulgada por outro(s) autore(s). O que há aí é um agrupamento de ideias pungentes no final do século XIX e, nesse sentido, o que dá originalidade ao trabalho saussuriano é justamente o modo como o pesquisador trata seu objeto, que possibilita avanços e descobertas.

Quanto ao CLG, o problema mais uma vez retorna ao nome do autor. Se a questão da autoria está associada ao discurso – obra, história, sujeito –, esse texto é o que desloca a problemática. Há aí um processo de transformação na ordem do discurso; sem se constituir ruptura total, instaura-se o discurso fundador, que permitirá colocar Saussure naquela posição transdiscursiva – um fundador de cientificidade. Ora, a não escrita, ou seja, a condição de atribuição não inibe a ocupação da função autor. Aqui há um processo que

quase inverte o anterior: ao contrário do caso de Leipzig, no qual Saussure é acusado de se apropriar das ideias que ouvia em aula, aqui há certa transposição de suas ideias, mas jamais problematizadas em outro lugar teórico; e mais, jamais publicizadas pelo linguista genebrino. Há, nesta problemática, uma relação entre nome de autor e escrita, ambos associados ao indivíduo, ao sujeito empírico: por esse viés, autoria só se configuraria se aquilo que está escrito se deu pelas mãos daquele indivíduo que assina a obra.

Nossas discussões mostraram que a relação que se estabelece é outra e o que se evidencia entre o nome do autor e/ou aquilo que lhe é atribuído se constitui pelo processo discursivo. Nesse sentido, a observância do pensamento desenvolvido ao longo do século XIX, do qual Saussure se apropriou, ou melhor, pelo qual se constituiu, e a descoberta dos manuscritos permitem amarrar o problema; o fundador da Linguística Moderna mais uma vez ocupa o lugar da autoria na condição de agrupamento de discursos. Tal condição rompe a ideia simples de obra e escrita e permite extrapolar a relação entre nome de autor e atribuição. Saussure desenvolve seus pensamentos nos cursos que ministra e em rascunhos de pesquisa. O deslocamento no campo teórico, como mostrado, é ainda marca desse processo de configuração da obra e da constituição do autor, que coloca Saussure numa posição singular na história da ciência.

Essa descontinuidade é, portanto, evidenciada mais adiante, quando do acesso aos manuscritos: aqui a última relação que se dissolve é entre obra e publicação. Embora provoque reflexões e mesmo distanciamentos em relação às assertivas propostas no *CLG*, os manuscritos inscrevem-se em um grau de continuidade que permite sua inclusão na obra. Este terceiro momento é, ironicamente, aquele que reitera a consolidação de “Saussure autor”, uma vez que permite a compreensão do processo intelectual que envolve o linguista genebrino, em todo o seu percurso, e que, na fragmentação, produz e delinea a regularidade de sua obra. Os problemas que envolvem suas pesquisas sobre as vogais indo-europeias e suas angústias em torno da acusação de plágio que lhe é imputada estão ali, bem como apontamentos sobre a linguística geral, o objeto língua, entre tantos outros temas que abordou. Neste entrelaçamento discursivo aparece a obra, na sua obra Saussure assume-se autor.

Referências

DE MAURO, T. **Cours de Linguistique Générale**: édition critique. Paris: Payot, 1974.

ENGLER, R. The making of the Cours de linguistique générale. In: SANDERS, C. (Org.). **Saussure**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 47-58.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Trad. José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagem, 1992 [1969].

_____. **A ordem do discurso**. 11 ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004 [1970].

GODEL, R. Souvenirs de Ferdinand de Saussure concernant sa jeunesse et ses études. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, v. 17. Genève: Libraire Droz, p. 12-25, 1960.

JOSEPH, J. **Saussure**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

SCHNEIDER, M. **Ladrões de palavras**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

Abstract

The intellectual path of Saussure is often associated with three moments: i) the Mémoire; ii) his Cours de Linguistique Générale; and, finally, iii) his manuscripts. All of it is submerged in questions regarding authorship: respectively, plagiarism, scam, and originality. These factors raise Saussure to a singular place regarding authorship. We, therefore, reflect, given his tortuous path and unique work, on how the founder of Modern Linguistics is constituted as an author. In order to address the issue, we utilize the description and evaluation of his academic/intellectual path, and more specifically, the reflections proposed by M. Foucault. It was possible to notice that, despite the problems that configure his intellectual path, Saussure is constituted as a founder author of scientificity, insofar as his work is a result of the discursive regularity that crosses itself and functions as what qualifies a way of being of linguistic studies.

Keywords: *Ferdinand de Saussure. Authorship. Work*

Recebido em: 21/05/2018.

Aceito em: 20/07/2018.